



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O DISCURSO NEOPENTENCOSTAL X RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-DESCENDENTES

Basilon Azevedo de Carvalho

RESUMO

Este artigo aponta dentro do contexto neo-religioso, um tipo específico de preconceito, na alocação religiosa das denominações neopentecostais. Através dos discursos verbais utilizado pelas mesmas, preleções acintosas, classificando quaisquer seitas, ramificações, denominações afro-brasileiras como a proliferação “diabólica”, declarando condenação absoluta a estas manifestações que na visão neopentecostal são malditas e de subserviência ao poder satânico. Assim, ao abordarmos esta temática, buscamos apontar percepções sobre as denominações como tendenciosas, permissivas, criativas, na concepção da liberdade de expressão.

Palavras -Chave: Religião, neopetenconstal, afro-brasileiro

O DISCURSO NEOPENTENCOSTAL X RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-DESCENDENTES

A prática da intolerância para com os símbolos de origem africana sempre foi uma constante no Brasil. No decorrer da história brasileira, os povos de origem africana foram e são vítimas em potencial, assim como seus ritos, cultos, liturgia, símbolos, comida, vestimenta, etc.

Desde a colonização os afros descendentes sofrem pela intolerância. Os símbolos que reportam alguma proximidade com os cultos, a exemplo dos atabaques, pandeiros, tambores e as oferendas¹, eram retidos e ou recolhidos para não perturbar a paz da vizinhança alheia. Percebemos ações desta conjuntura em Jubiabá, obra de Jorge Amado, salientado por Carvalho.

¹ Instrumentos musicais utilizados nos ritos; oferendas: formas de agradar as divindades podem ser objetos ou atos.

“A junção da literatura com a história se faz bem vinda para explicar o tema e se direciona no sentido de uma tentativa de recuperar da memória religiosa afro-brasileira. Negada e excluída em 1937 junto com partidos políticos e entidades civis, o culto do candomblé persistiu embora oficialmente negado pela cultura dominante e no momento focalizado pela obra de Amado, também pela lei. (AMADO, 1935 apud CARVALHO, 2010.)”.

Ainda que o toque e o culto dos terreiros fossem longínquos, incomodavam a sociedade, que caracterizava os toques dos atabaques como rituais de bruxaria, manifestação dos negros, classificados como uma raça inferior, e que, com esses rituais, provocavam uma afronta à sociedade convencional organizada, ou incentivava a desordem social provocada por “baderneiros”, classificação que a sociedade denominava aos que cultuavam o demônio com batuques considerados infernais.

As ramificações das denominações religiosas de matrizes africanas, a todo o tempo tiveram que fazer negociações, para a manifestação dos seus cultos. Isso constitui uma guerra religiosa, considerada santa pelos afros descendentes e diabólicos pela sociedade civil. A situação foi registrada por jornais dos anos 20 a 70 em que se escrevia preconceituosamente sobre os ritos afro descendentes. Nos anos trinta a perseguição policial foi considerada como brutal, não se tinha paz nos terreiros, havia uma apreensão constante pela possível invasão dos policiais, que impediam o toque dos tambores. “O clima era de terror e acompanhava o povo santo por todos os lados”.² Retrata o escritor Jorge Amado, 1935. De 1920 a 1926, enquanto durou o reinado do delegado intitulado como o todo poderoso Pedrito,³ qualquer costume de origem afro, era objeto de violência contínua e crescente. O delegado mantinha-se disposto a acabar com as tradições populares, “... a porrete e a facão, à bala se preciso”.⁴

Essas décadas foram palco de uma irrevogável intolerância religiosa e abusos do poder público, que permeou durante mandato do Pedrito, temido invasor de terreiros e de batidas policiais, provocando pânico aos afros descendentes e, muitas vezes, efetuando prisões.

² Denominação dada aos seguidores da tradição religiosa afro.

³ Pedro Azevedo Gordilho, delegado de polícia, que combatia ostensivamente o candomblé.

⁴ AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 323 p.

Esta década também foi conhecida pelo triunfo da respeitável Ialorixa Mãe Aninha,⁵ responsável por uma das casas mais velhas e respeitadas roças, localizado no bairro São Gonçalo do Retiro, o OPÔ AFONJÁ. A sacerdotisa fora ao Rio de Janeiro (capital da república do Brasil à época) para uma audiência com o então chefe da nação, o Presidente Getúlio Vargas, para pleitear a liberdade de culto aos adeptos do Candomblé⁶. O presidente promulgou, para a Bahia, o decreto 1.202,⁷ um marco que possivelmente acabaria em 1976, pelo então governador Roberto Santos, com a efetivação da lei 25.095, que culminou com um definitivo fim às perseguições e à liberdade de culto do povo de santo afro brasileiro.

Aparentemente temos um problema que foi resolvido, e a história continuou, mas esta foi uma vitória momentânea, ocorrida entre os incessantes atos contrários as denominações de cunho afro religioso. Até os dias atuais, notamos os inúmeros atos de intolerância, agora por um segmento da sociedade de similar origem, a religião, que congrega fiéis nas suas diversas formas de expressão religiosas.

Dada a emergência da intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras por parte das igrejas pentecostais e neopentecostais, das quais a Igreja Universal do reino de Deus (Iurd) é sua maior representante. No jogo discursivo que reforça alteridade entre os pentecostais versus umbanda e candomblé, direito e respeito são subjugados à cosmologia religiosa evangélica. (MARTELLI, 2009: 1 p).

A intolerância religiosa, advinda das instituições pentecostais, provoca repúdios dos seus fiéis contra outros, oriundos das manifestações afro religiosa, com um posicionamento que condena, insufla, promove ataques sem medidas de respeito às escolhas religiosas dos outros grupos sociais.

Neste contexto, notamos degradantes e ofensivos desrespeitos, decorrente de denominações neopentecostais, com argumentos compostos e sustentados bíblicamente auto proclamam-se donos da verdade absoluta, afirmando que nos ritos, liturgias, festejos, livros, mídias, etc, pertencente às manifestações afro religiosas, há uma ligação demoníaca no bojo que circunda tais elementos. A escolha da denominação, caso seja de matriz afro

⁵ Fundadora do Terreiro Ilê Axé Opó Afonjá.

⁶ Designativo geral para religião afro-brasileira, criado a partir de diferentes tradições africanas Atualizadas. no Brasil.

⁷ Decreto de nº 1202, que tratava de liberdade religiosa.

descendente, é vetada, com o argumento de estar à disposição dos encostos,⁸ pois as pessoas que, em sua liberdade religiosa, querem professar a fé desejada, sentindo-se à vontade para praticar seus preceitos, são bombardeadas com agressões verbais e, muitas vezes físicas.

Os ataques dos neopetencostais se valem de argumentos teológicos e compreendem não somente os discursos nos cultos e nos meios de divulgação proselista como também na agressão física, oposição a quaisquer cerimônias, símbolos e práticas rituais que tenham relação com religiões afro brasileiras, além ações no âmbito da política e justiça. (MARTELLI, 2009: 2 p).

O autor destaca que a evidencia da apoplexia contra os preceitos afro religiosos, extrapolam, a razão do possível dialogo e respeito muito as diversas denominações religiosas.

Preconceito às religiões de matrizes afro.

O conceito sobre determinados grupos de identidade religiosa da sociedade dá-se através de atitudes que os mesmos preservam em sua tradição, afirmam como valores e a dimensão concebida pelo ato da fé, professado num mistério de cada organização religiosa.

O pré-conceito às matrizes afro perpassa pelo ato de julgar antes mesmo de conhecer a concepção das afirmações da tradição afro descendente, seu ministério, sua crença politeísta, sua liturgia rica em ritos singulares e plurais, para o culto as divindades da natureza.

O conflito é dado pela ignorância demonstrada sobre o assunto e a pré-concepção adquirida na história, visualizada pelo sistema escravagista ainda não concebido pela cultura antropológica de rejeição aos afros descendente.

Nos estudos realizados e promovidos por grandes filósofos como Engels, Durkheim e Kant descreviam os povos africanos como sociedades primitivas, por conta das formas religiosas, da cultura, costumes, dentre outros aspectos que nos argumentos destes autores expressam a angustia ou ignorância do homem. A fundamentação dos estudos promovidos

⁸ Espírito do mal que atrapalha a vida dos fieis.

por estas Filósofos seguiam a idéia da supremacia e veiculava noções para convencionar o racismo científico.

“Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas.”(KANT, 1993: pág. 75-76)

Na contemporaneidade, indiretamente emergem do discurso sequaz, mais que não fogem as idéias racistas suplantadas no passado pelos filósofos. Possivelmente estas idéias, provoquem atitudes preconceituosas uma nova roupagem que exorte uma consistência na lógica dos mecanismos do poder, balizada para compor com argumentos intolerantes para com manifestações afro religiosas.

Precursos de ataques verbais, os protestantes adotam práticas que muitas vezes não condizem com o que é professado, pois baseado nas suas verdades incontestáveis, relativizam todas as denominações de matrizes afro descendentes, como uma crença de vertente diabólica, que no trajeto histórico, foi excluída, de forma pejorativa. Sofrendo perseguições e todas as formas de preconceito, o povo negro sofreu no sistema escravagista, e contínua, sofrendo fruto de uma sociedade excludente, além dos diálogos travados preconceituosamente por evangélicos, sobre os preceitos que fomentam a fé banta.⁹ Podemos visualizar a partir das idéias de Ricardo Mariano descrito por Janayna de Alencar Lui, como tentativa de buscar nas interpretações bíblicas as justificativas incipientes para a banalização dos preceitos que não são advindos das fundamentações da

⁹ Fé comum a todas as nações.

crisocentricas, portanto não representantes do Deus monogâmico, que liberta, pacifica e salva.

Ao tratar dos "Pentecostais em ação", Ricardo Mariano destaca as razões do combate pentecostal aos cultos afro-brasileiros, sendo este combate sua principal estratégia de evangelização. Para Mariano, as principais razões e justificativas pentecostais são "a perspectiva dualista, a interpretação bíblica e a defesa contumaz do resgate da difusão de crenças e práticas do cristianismo primitivo" (MARIANO,2007:129 apud LUI, 2008:).

A intolerância religiosa precede a partir das afirmações da autêntica expressão, que divulga a salvação apenas pela aceitação do Deus, por eles apresentado de via cristã, assim excluindo qualquer outro "deus" existente nas demais denominações afro, pois em todas as suas ramificações está presente o diabo como regente, segundo Mariano (2007) o demônio tem o papel da centralidade.

Uma violência simbólica surge através desse dinamismo indicioso, que mostra o desvio da sociedade em relação à concepção religiosa, cria-se então uma expectativa de embate do "bem" contra o "mal". Entendem-se por bem todas as denominações evangélicas cristãs, e o mal todas as ramificações de matrizes afro.

Violação da liberdade de culto.

O respeito ao outro e as suas escolhas, pautado pelo livre arbítrio, em que todas as denominações religiosas se baseiam na fundamentação do Deus que transcende todas as expectativas humanas, ou seja, fora da realidade e possibilidade material, o que ocorre é uma sujeição do plano transcendental ou psicológico não explicado pela ciência, para um plano de ordem sobrenatural que cada crença possui nas suas manifestações de acordo a sua cultura.

"sob forma abstrata, (...) são idéias religiosas; sob forma de ação, são ritos ou cerimônias. São a manifestação e expressão do excesso de libido. São, ao mesmo tempo, degraus para novas atividades que devem ser chamadas de culturais, de forma a serem distinguidas das funções instintivas, que seguem seu curso normal, de acordo com as leis naturais." (JUNG, 1971:45).

Para Jung, estas possibilidades psíquicas, procedem da concepção do caráter psicológico que os indivíduos pré-dispõe a uma condição reducionista, redireciona a energia psíquica com, vista a individuação, através dos símbolos.

Contrários ao pensamento de Bastide (2001), que ressalta a necessidade de um contato íntimo para se compreender as manifestações culturais, os evangélicos neopentecostais, não possuem esta visão antropológica dos conceitos de valorização dos símbolos. Bastide ao longo dos seus estudos salientou sobre a tomada de consciência junto à religião, era fundamental para uma maior compreensão das religiões de matrizes africanas. A análise hegemônica dos neopentecostais, não é racional, partindo do pressuposto das ações desencadeadas pelos mesmos em invasões nos terreiros,¹⁰ que evidencia a discriminação para com a liberdade religiosa de expressão em quaisquer credos. A recorrência de feitos como mecanismo de demonizar os agentes religiosos, é oriunda dos tempos medievais, segundo Mariano, (2007), quiçá a idéia antropológica de Bastide, que no apogeu das suas teorias sobre os processos místicos das religiões de matrizes africanas,

Habituo-nos, desde Kant, a separar radicalmente os juízos de valor e juízos de realidade. O que existe não é uma hierarquia de seres, é uma hierarquia de valores. Ser ou não ser. Entre o ser e o nada não há gradações intermediárias possíveis. No entanto, a filosofia medieval introduzia graus no ser, desde o ser divino, que se confunde com a perfeição absoluta, até o ser das coisas matérias. (BASTIDE, 2001.)

Os valores postos justificariam atitudes precedentes de uma violência constante de purificação dos lugares onde são realizados os cultos afros, através das bênçãos proferidas pelos neo pentecostais, com exorcismo, uma batalha espiritual, aspergindo com sal grosso¹¹ item também utilizado na liturgia afro.

Atitudes de cunho preconceituoso é realidade e possibilitam uma amostra do desrespeito aos espaços conquistados pelas tradições afro, segundo Frigeiro (2007), no Uruguai, a Umbanda conquistou com legitimidade o direito social de defesa, frente aos ataques, da Iurd.

¹⁰ Espaço sagrado à realização de rituais religiosos, onde se mantêm edificações de templos e moradia temporária ou permanente de sacerdotes do candomblé.

¹¹ Sal marinho, apresentado em pequenas pedras, utilizado para purificar ambientes e pessoas, item comum às liturgias cristãs, neopentecostal e cultos afros.

Atos que exortam racismo ultrapassam todos os limites de liberdade, todos os seres humanos têm direito a liberdade de expressão de cunho religioso. A auto-suficiência e a arrogância evangélica nas suas pregações, possibilitam uma luta de classes e crenças e intensificam posições além de contrariar as bases religiosas.

O antropólogo Alejandro Frigerio investiga a intensidade dos conflitos religiosos tanto no Uruguai quanto na Argentina comparando estes entre si e com o Brasil. No artigo Exportando Guerras Religiosas: As respostas dos Umbandistas à Igreja Universal do Reino de Deus na Argentina e no Uruguai, ele analisa como os níveis de legitimidade e visibilidade social são preponderantes para a intensificação ou não do conflito. Destaca que a legitimidade da Umbanda no Uruguai em certa medida intimidou a IURD, nas suas investidas contra as religiões afro, no que tange os ataques públicos a esta religião. Os ataques são mais fortes dentro dos tempos visto que investidas públicas não repercutem positivamente para IURD. No Uruguai a umbanda conquistou legitimidade social que lhe confere poder de retaliação frente aos ataques iurdianos. (FRIGEIRO, 2007 apud MARTELLI, 2009: 2)

As diferenças de crenças são mais diretamente visíveis por que apresenta uma disputa partidária, de conteúdo preconceituoso, gerador de uma intensa intolerância, que atacam as ramificações afro brasileiras, através da comunicação tendenciosa, compulsória, composta por argumentações insensatas de instancias racistas, hipócritas e indiciosas.

Intolerância, pelos meios de comunicação.

A diversidade religiosa no Brasil perpassa o conceito ocidental, pois a origem do nosso povo é a junção de várias etnias e tradições de continentes distintos teóricos como, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Sergio Buarque de Holanda, são de um rigor acadêmico no que diz respeito à idéia da formação e construção na nação brasileira, com relação à estrutura social e econômica, racial e religiosa, dentre outros aspectos, ainda sim por conta da formação nas estruturas colonizadoras no Brasil temos disparidade do modelo social, diferente do resto do mundo, dados até então mostrados pelos meios de comunicação internos e externos.

O Brasil país de origem cristã que sofreu diversas alterações no processo étnico religioso, por isso tão singular e plural nas demandas de manifestações religiosas aqui existentes, é um rico celeiro de demonstrações e culturas distintas.

As convicções religiosas dos escravos eram, entretanto colocadas a duras provas quando de sua chegada ao Novo Mundo, onde eram batizados obrigatoriamente "para a salvação de sua alma" e devia curvar-se às doutrinas religiosas de seus mestres. (VERGER, 1981).

Surge a partir dessas diferenças de crenças, crise considerada como guerra santa por algumas denominações que por diversas vezes foram agredidas verbalmente, nos cultos internos, e não tinham tanta ênfase quando se tornou pública, através dos meios de comunicações, visíveis e presentes nas livrarias, em praças públicas, com uma panfletagem de adesivos nos telefones públicos, e nos meios de comunicação de massa, como cita Oro (2007). Especificando a maior representante neopentecostal do bens midiáticos a seu favor.

A igreja Universal também vai dar grande atenção á mídia. Ela surge com uma igreja midiática e hoje detém duas redes de televisão; a Record, com 63 emissoras, sendo 21 de sua propriedade e a Mulher, presente em 85% das capitais brasileiras e em cerca de trezentos municípios: exporta seus programas para vários países (especialmente para o México, Chile, Panamá, Equador, Venezuela, Colômbia e Porto Rico). É também proprietária de 62 emissoras de radio no país. No exterior possui emissoras de radio e TV em vários países, entre os quais Portugal, Argentina, Moçambique e África do Sul. No que tange à mídia impressa, difunde o jornal Folha Universal (cuja tiragem semanal supera a cifra de 1,5 milhão de exemplares); edita as revistas Ester, Mão Amiga, e Plenitude; é proprietária de uma gráfica (editoras gráfica Universal), e de uma editora (Universal Produções, pela qual Edir Macedo publicou seus 34 livros). No exterior é proprietária dos jornais: tribuna Universal, em Portugal; Universal News e Pare de Sufrir (destinada aos hispânicos), e nos Estados Unidos; Faith inn Action e City News, na Inglaterra, Stop suffering, na África do Sul; Pare de Sufflir, no Chile e na Bolívia; Tribune universelle, na França. Além disso, é proprietária de uma gravadora (Line Records, que, com dez anos de existência vendeu cerca de novecentos mil CDs somente no ano de 2000) e uma produtora de vídeos (Frame) (Mariano, 2003; Fonseca, 2003 Apud Oro 2007).

A mundialização ocorreu através da globalização, os setores sociais por meio dela suprimiram ou expandiram, mas no que se diz respeito à intolerância religiosa, aqui no

Brasil supera a dinâmica do respeito à liberdade de culto, provocada por um fanatismo inexplicável, tenebroso que usa a conjectura de comunicação de massa para macular a imagem de outras denominações, que não professem a estrutura cristã branca imposta como religião na descoberta do Brasil, desconsiderando todas as manifestações existentes encontradas aqui, como: a cultura dos índios e os escravos, negros trazidos da África.

Encontramos diversas modalidades de agressão através de periódicos que comprovam a intolerância descabida, além de edições de livros que tem a pretensão de desqualificar a cultura afro, em sua manifestação religiosa. Podemos assistir a um canal aberto que demonstra a purificação dos ritos satânicos encontrados nas denominações de matrizes afro, com uma audiência vertiginosa, pois as cenas são assustadoras, e evidenciam o que supostamente acontece nos bastidores dos preceitos afro.

Vítimas do preconceito religioso

Hans Herold, 42 anos, 10 anos de Ogan de Ogun,¹² considera uma falta de respeito as agressões proferidas pelos neopentecostais, diz que a religião a que ele segue é mais velha que a religião cristã e afirma que não há demônio algum. A esposa dele foi agredida, com a expressão de que a religião que ela segue é uma religião de gente ignorante, a mesma é formada em jornalismo, daí percebe que a ignorância não é dela, retrata Hans. Trabalhamos para o orixá,¹³ temos fé no sobrenatural, não trabalhamos para o mal, ninguém mata ninguém, somos inclinados a fazer o bem.

Iraildes Maria dos Santos, 28 anos, nasceu e cresceu dentro do terreiro, neta da casa filha de pessoas iniciadas¹⁴ diz que é uma falta de respeito ao livre arbítrio, cada um escolhe a religião que quer seguir, falta mais consciência da parte deles. Os movimentos negros e candomblé estão tomando atitudes que expressam repúdio ao preconceito demonstrado pelos protestantes neopentecostais, acabou a tolerância, o povo, os adeptos e simpatizantes estão defendendo a livre escolha do ser humano, Iraildes não esconde a possibilidade de que haja pessoas de má índole, dentro dos candomblés e que praticam

¹² Ogan: sacerdote do candomblé, com funções de serviço ritual sem transe, com a função de servir a divindade Ogun.

¹³ Nome geral para divindades no candomblé de nação Queto.

¹⁴ Processo de iniciação as práticas preceituais do candomblé.

magia negra, mas enfatiza que não é a religião que vai dizer se a pessoa é boa ou má. Na escola foi agredida verbalmente, e o preconceito era explícito, pois relata que aquelas pessoas não tinham o devido conhecimento sobre a sua opção religiosa, contudo não tinham o direito de julgá-la sem conhecer o que realmente fazia.

Rafael Oliveira, Ogã de Oxossi,¹⁵ diz que as agressões são infundadas, a criação de anjos e demais manifestações divinas não são demoníacas, como classificam os protestantes, contudo a intolerância nasce com a construção da imagem do mal no afro descendente. Explica que o candomblé é um demonstrativo ecumênico, a ofensas que são proferidas a partir das falas, são feitas por pessoas leigas, pregam, mas não conhecem o que realmente acontece, desabafa. Gostaríamos de ter uma situação de respeito e não de guerra para isso Rafael, participou da construção de um projeto, que resultou em um livro de sua autoria.¹⁶

O babalorixa¹⁷ Anselmo Santos, do terreiro Onzó Ngunzo, diz que os evangélicos insistem num discurso que sataniza e desrespeita o culto afro-brasileiro. Explica que entrou na justiça contra o programa ponto de Luz, que era exibido na TV Itapoan. O programa saiu do ar, após a decisão judicial, que considerou a configuração de crime de preconceito religioso.

A diversidade pode ser geradora do diálogo e do respeito.

Na diversidade podemos encontrar o real caminho para conter a intolerância, através de possíveis trocas de experiências que comunguem valores, que são basicamente fundamentais para uma boa convivência, valores que expressem o desejo de paz com o cósmico do universo e a interação com os demais credos existentes, ambos encontrados nas diferentes denominações religiosas. Possibilitando um recuo nos conceitos internalizados, isso não significa que negaremos nossas escolhas, mas estaremos abertos a conhecer como o “outro” pode enriquecer com sua cultura e crenças, as diferenças encontradas em nossas opções.

¹⁵ Oxossi – divindade considerada protetor dos caçadores.

¹⁶ OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candonblé**: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

¹⁷ Babalorixá – Sacerdote máximo nas religiões afro-brasileiras.

Sabemos da raridade de encontros entre as denominações de matrizes afro e os evangélicos, porém, podemos enfrentar este conflito com respostas, que possam favorecer o crescimento de ambos, através da insistência em proporcionar embates que possibilitem discussões, sobre estrutura social e econômica da sociedade, analisar suas origens e somatizar como cada denominação religiosa possa contribuir para a evolução, tanto no diálogo quanto no respeito à crença individual.

A condição para uma mudança nesta relação permissiva está na possibilidade do diálogo inter-religioso aberto às discussões e ao respeito às tradições, culturais e as diversidades existentes nas camadas culturais brasileiras, que são celeiros de amplas manifestações.

É necessário apontar caminhos e métodos que possibilitem reflexões à intolerância, por meio de uma convivência pacífica, logo não descentralizada da estrutura social, que nos encontramos, viabilizar meios de comunicação que expressem os direitos legais, como pano de fundo a paz e gerador de fraternidade entre as concepções das diferentes expressões e crenças, como a recente carta enviada pelo Vaticano, no que tange os conflitos religiosos, no universo dos Muçulmano e Cristão.

Cidade do Vaticano (Agência Fides) – “Dentre as causas da violência entre fiéis de diferentes religiões, estão a manipulação da religião com fins religiosos ou políticos e de outros tipos; a discriminação de etnias e identidades religiosas, as divisões e tensões sociais. Ignorância, pobreza, subdesenvolvimento e injustiça são igualmente fontes, diretas ou indiretas, de violência não apenas entre as comunidades, mas também dentro das mesmas”. É o que sublinha a mensagem augural aos muçulmanos enviada pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, por ocasião do fim do Ramadão. Assinado pelo Presidente do Pontifício Conselho, Card. Jean-Louis Tauran, e pelo Secretário, Arcebispo Dom Pier Luigi Celata, a mensagem tem como tema “Cristãos e Muçulmanos: juntos para vencer a violência entre fiéis de religiões diferentes”. Inspirado nas conclusões da reunião anual do Comitê Misto para o Diálogo, realizada em Cidade do Cairo, nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2010, a mensagem auspícia que as autoridades civis e religiosas podem oferecer a sua contribuição para remediar as situações de violência “com vistas no bem comum de toda a sociedade” e “as autoridades civis podem fazer valer a superioridade do direito, assegurando uma verdadeira justiça para deter os autores e promotores da violência”. Dentre as recomendações expressas para vencer o clima de tensão, exorta-se a “abrir nossos corações ao perdão recíproco e à reconciliação por uma convivência pacífica e frutífera; reconhecer, como base da cultura de diálogo, aquilo que temos em comum e o que nos

diferencia; reconhecer e respeitar a dignidade e os direitos de todo ser humano sem alguma distinção baseada em pertencas étnicas ou religiosas; necessidade de promulgar leis justas que garantam a igualdade fundamental entre todos; importância da formação ao respeito, ao diálogo e à fraternidade nos vários espaços educativos: lares, escolas, igrejas e mesquitas. Deste modo, seremos capazes de combater a violência entre fiéis de religiões diferentes e promover a paz entre as várias comunidades religiosas”. (S.L.) (Agência Fides 28/8/2010).

A revelação do transcendente ocorrerá através do respeito às crenças outras, expressem desejo de aproximação, para um possível câmbio entre o acreditado e o professado. Reconhecer a dimensão do outro sem julgá-lo, a sua maneira peculiar e particularidade do professar o credo escolhido. Thomaz Kawauche ressalta que:

Antes de discutirmos se o futuro será protestante ou ateu, antes de falarmos em secularização ou retorno do sagrado, e antes mesmo de decidirmos se o paradigma de mercado é adequado para estudarmos a religião no Brasil, precisamos nos lembrar que nas várias estruturas de plausibilidade dos grupos religiosos, os elementos “guerra” e “paz” se relacionam dentro de um processo dialético. Elementos estes que podem promover tanto a construção de um mundo de guerra quanto a construção de um mundo de paz. Tendo isso em mente, poderemos acreditar que nem só de guerra vive a religião, e que a paz é um elemento sempre presente na(s) estrutura(s) de plausibilidade do(s) povo(s) brasileiro(s) e também um elemento sempre possível no(s) mundo(s) futuro(s). (KAWAUCHE, 2003).

Intensificar o ecumenismo como meta, de um objetivo comum, a ambos, sem disputar qual a melhor oferenda, mas como podemos estar a serviço, para saciar a fome de tantos “famintos da palavra de Deus”, na busca de resoluções das desigualdades sociais, de classe, econômica e no bojo dos conflitos religiosos, transcenderem no espírito superando nossas perspectivas humanas.

A perspectiva de reinventarmos as cosmovisões do outro para um respeito mútuo, nos transporta a idéia do imaginário, assim a paz poderá acontecer, transformando vida, em um rito do desejo em disseminar a paz para com o irmão, logo em sintonia com Deus.

ABSTRACT

THE NEOPETENCONSTAL SPEECHS VERSUS AFRICAN-BRAZILIAN RELIGIONS

This article deals with a specific type of prejudice who lives into the religious speech of neo-Pentecostal denominations. Speech used to condemn African-brazilian religion, classifying them as "evil" proliferation. For these religious, any kind of the african-brazilian religious events are cursed and subservient to the satanic power. The main goal of this research is to look into the denominations, the expressions, used by them.

Keywords: Keywords: Religion, neopetenconstal, african - Brazilian

REFERÊNCIAS:

- BASTIDE, Roger. **O candomblé na Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BEZERRA, Edir Macedo (Pastor Macedo). **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. 15.ed. Rio de Janeiro: Universal, 2000. 156 p. (Coleção Reino de Deus, 101).
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. O candomblé na obra de Jorge Amado: Perseguição e estratégias do culto na Bahia (1935 a 1940). Caderno de Anais do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras. UNESP – ASSIS. SP. 2010 Pag. 46.
- FONSÊCA, Adilson: **Arquidiocese condena ataques ao candomblé**. A Tarde, Salvador, 14 jan. 2003.
- _____. **Afros e católicos unidos contra a intolerância**. A Tarde, Salvador, Quinta-feira, 16/01/2003/
- GWERCMAN, Sérgio. **Super Interessante**, São Paulo. Fev. 2004.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v06/m32544.pdf>
- <http://www.espacoacademico.com.br/083/83praxedes.htm>
- <http://www.fides.org/aree/news/newsdet.php?idnews=18226&lan=por>
- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100011
- JUNG, C.G. O símbolo da transformação na missa. Petrópolis, Vozes. 1971: p 45.
- LUI, Janayna de Alencar. Os rumos da intolerância religiosa no Brasil. Relig. soc. vol.28 no.1 Rio de Janeiro July 2008. doi: 10.1590/S0100-85872008000100011
- MARTELLI, Anderson Lindolfo. Intolerância no Campo Religioso Afro Brasileiro. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, Ano I Número I, Julho de 2009. 2 p. ISSN: 2175-3423.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa**. Rio Janeiro: DP&A, 2003.
- SANTANA. Valdemir. **A censura dos orixás**. Veja, São Paulo, 17 mar. 1993.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, 328pp.

Texto Base Campanha da Fraternidade 2005. Tema: Solidariedade e Paz: Lema: Felizes os que Promovem a Paz. (TEXTO Base –Versão FINAL 3) CNBB.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas africanas dos Orixás**. 4 ed. Salvador: Corrupio 1907.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, Deus iorubas na África e no Novo Mundo**. 1981.

_____. Notícias da Bahia de 1850. 2 ed. Salvador: Corrupio, 1999. (Baianada, V.1).